Saúde tem de ter política clara para cuidados primários

Organizações que representam médicos e enfermeiros defendem concentração de esforços nos cuidados de saúde de proximidade

PAULA GOUVEIA
pgouveia@acorianooriental.pt

É consensual a ideia de que bons cuidados de saúde primários trazem não só ganhos de saúde para as populações, como até poupanças ao erário público. No entanto, apesar desta ideia ser repetida há vários anos, para as organizações que representam os médicos e os enfermeiros da Região, não tem havido uma política clara para os cuidados de saúde primários, nem uma efetiva aposta no reforço dos recursos humanos e materiais dos centros de saúde.

Para o médico André Frazão, do Sindicato Independente dos Médicos (SIM), "o problema é que, nos últimos anos, não há uma política de saúde em que se perceba o que se pretende alcançar". Para este médico de Medicina Geral e Familiar, é preciso definir "que ganhos em saúde para a população pretendemos e qual o meio para os atingir".

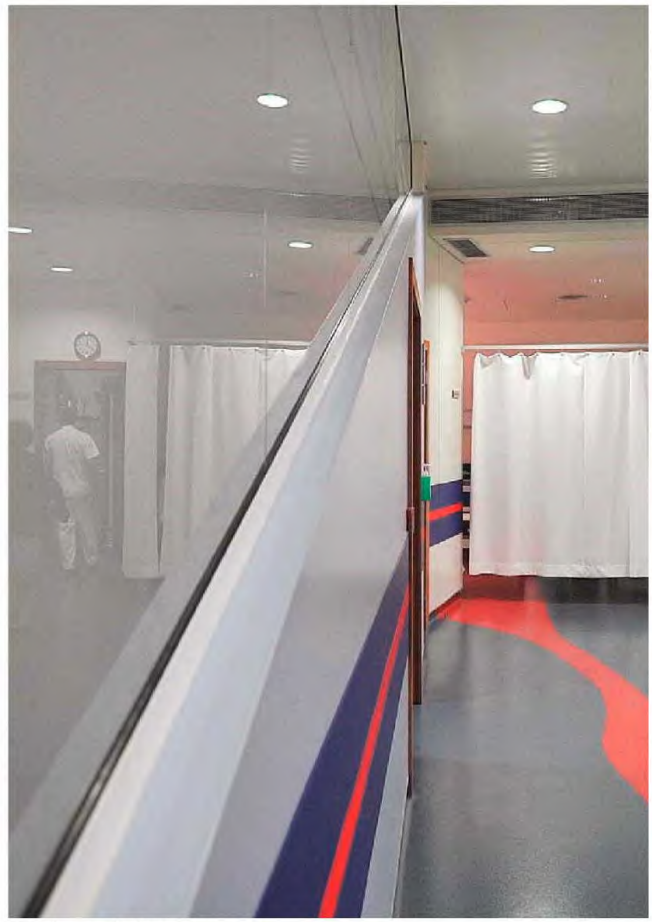
Na sua opinião, "muitas das coisas que têm sido feitas na Medicina Geral e Familiar são quase cópias do que se fez há algum tempo no continente", quando "algumas destas medidas mostraram imperfeições". André Frazão lembra que, no continente a opção foi a criação das unidades de saúde familiar com determinado modelo que foi seguido; nos Açores, por sua vez, decidiu-se há um ano criar os núcleos de saúde familiar, mas não há qualquer regulamentação sobre este modelo de organização. Ora, sublinha André Frazão, "não percebo como se podem criar os núcleos de saúde familiar sem regulamentação! É uma barafunda! Ninguém se entende, e ninguém sabe como é! E as coisas não ficam na mesma, ficam piores!", alerta o médico.

É a dificuldade em organizar o trabalho, e não o excesso de trabalho - que também existe - que gera o atual desânimo que impera entre os médicos desta especialidade, essencial aos cuidados de saúde primários, diz o delegado do SIM/Açores. André Frazão sublinha que é com preocupação que verifica que até médicos recém-formados já se sentem desanimados. "Uma colega que acaba a especialidade e já está desanimada é porque sente à sua frente que há batalhas difíceis de ganhar, que há um dia a dia penoso, muitas vezes não pelos utentes ou a quantidade de trabalho, mas pela dificuldade em organizar o trabalho e de fazer aquilo que devia fazer que é seguir a sua lista de utentes".

"Há uma falta de organização, de planeamento, de se definir o que é importante e como vamos chegar a resultados - ganhos em saúde", diz.

O delegado sindical sublinha que "o tempo de trabalho dos médicos de família deve ser dedicado à sua lista de utentes" e que "os utentes merecem e devem ter tempo para que as consultas sejam de qualidade". Mas, denuncia André Frazão, "há gestores a gerir os recursos de saúde e os próprios recursos humanos, como se estivessem numa fábrica" e "há sítios onde se diz às pessoas: escolha o assunto de que quer falar hoje. Isso é medicina a metro".

André Frazão compreende que neste momento exista a necessidade dos médicos de família assumirem mais utentes nas suas listas, mas defende que no médio prazo se aposte numa redução do número de utentes por médico de família. Até, porque salienta, "este secretário regional corre o risco, mesmo sem fazer nada, de ser o primeiro dos muitos que o têm prometido, a acabar com os utentes sem médico de família", tendo em conta o número de médicos de família que estão em formação.

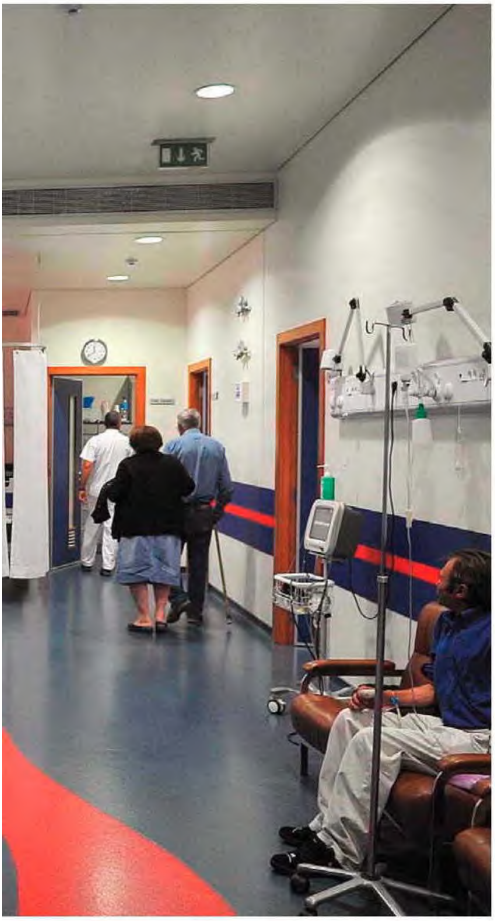


Falta de organização e planeamento nos centros de saúde, a par da falta de recursos humanos e materiais, são os grandes problemas apontados no que se refere aos cuidados de saúde primários

Equipamentos informáticos "completamente obsoletos" são outros dos obstáculos a enfrentar nas unidades de saúde - "durante muito tempo falou-se da velocidade das ligações à internet, agora temos velocidade, mas não temos computadores", revela André Frazão que explica que além disso, "há avarias constantes no sistema".

"A Medicina Geral e Familiar não é uma especialidade que custe muito dinheiro ao suborçamentado Serviço Regional de Saúde", res-

ARQUIVO AO





Acesso às consultas de especialidade ainda é difícil



Listas de espera nos hospitais exigem soluções

salva André Frazão que defende mais investimento nos cuidados de saúde primários.

Também a Ordem dos Enfermeiros considera que é necessário definir "uma política clara para os cuidados de saúde primários" e concentrar esforços neste tipo de cuidados. Luís Furtado, da Secção Regional da Ordem dos Enfermeiros, sustenta que há que "garantir que as nossas populações tenham uma resposta capaz e efetiva, em tempo útil, às suas necessidades de saúde, de modo a recorrer menos aos cuidados de saúde diferenciados".

O responsável pela Ordem defende que é preciso rever a circular normativa relativa à criação dos núcleos de saúde familiar. Segundo Luís Furtado, a circular data do fim de 2015, e ainda há ilhas, como as do Pico, Flores e Graciosa, onde os núcleos não estão implementados.

Tanto a Ordem, como o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses consideram que a falta de enfermeiros é um dos principais problemas a resolver em prol da prestação de cuidados de saúde de qualidade e seguros às populações da Região. A Ordem dos Enfermeiros está a apurar o número de enfermeiros em falta nas unidades de saúde da Região para informar a tutela. Luís Furtado considera que deve ser elaborado um plano para a contratação de enfermeiros, sendo que há centros de saúde onde essas contratações terão de ocorrer a curto prazo.

Luís Branco, do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, diz que a criação dos núcleos de saúde familiar fazem sentido, mas, alerta, "principalmente nos grandes centros de saúde - Angra do Heroísmo, Horta e Ponta Delgada - não há enfermeiros suficientes para garantir um enfermeiro para 350 famílias". ◆

Acesso às consultas de especialidade e espera por cirurgia

O acesso às consultas de especialidade e o tempo de espera por uma cirurgia são os dois principais aspetos a melhorar no que aos cuidados hospitalares diz respeito, sustenta o Sindicato Independente dos Médicos.

Luísa Ferraz, do SIM/Açores, considera que um dos grandes problemas dos hospitais da Região é garantir aos utentes o acesso às consultas de especialidade. "As listas de espera são grandes", diz a médica, e a razão é a falta de médicos, explica.

Há depois o problema das listas de espera cirúrgicas. E, diz Luísa Ferraz, "não acreditamos que uma lista de espera pontual, para efeitos eleitorais, resolva". A solução, diz, passa "por uma solução semelhante à do continente, em que essa produção acrescida para redução de lista de espera é contínua".

Centro Hospitalar

No que se refere às unidades hospitalares da Região, a Ordem dos Enfermeiros identifica um problema de organização. Do ponto de vista de Luís Furtado, "não é aceitável, ou sequer sustentável, mantermos uma situação em que os hospitais competem entre si, por especialidade e por serviços".

"Temos de definir que especialidades o Hospital da Horta terá, o que Hospital do Santo Espírito da Ilha Terceira terá e o que o Hospital de Ponta Delgada, como hospital maior diferenciação, terá", defende. E, depois, "garantir que os utentes das diferentes ilhas que não têm as especialidades e as valências à porta de casa tenham de facto resposta em tempo útil nos hospitais de maior diferenciação".

ARQUIVO AO



Ordem dos Enfermeiros diz que não é aceitável ter hospitais a competir

"A criação de um Centro Hospitalar ou a definição do que cada hospital terá é um caminho que deve ser feito rapidamente", sustenta o representante da Ordem dos Enfermeiros nos Açores.

Deslocações de doentes

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses também considera que há trabalho a fazer no que às deslocações de doentes diz respeito. "Precisamos de ter um serviço organizado que garanta qualidade e segurança no transporte de doentes das ilhas sem hospital", pois, afirma Luís Branco, "o que existe neste momento é pouco e é garantido essencialmente à custa da disponibilidade e do empenho dos enfermeiros". E, apesar do bom trabalho feito pela Força Aérea na Região, a esse nível, Luís Branco sustenta que "se calhar temos de começar a pensar em criar uma equipa de emergência aérea", pois "as ilhas nunca vão estar juntas". ◆

Cuidados primários devem ser prioridade

Organizações que representam médicos e enfermeiros defendem concentração de esforços nos cuidados de saúde de proximidade. Acesso a consultas de especialidade e cirurgias deve ser melhorado PÁGINAS 2 E 3